

## MURILO MENDES, ESPINOSA, DIVINDADE E MUNDO FÍSICO

MURILO MENDES, SPINOZA, DIVINITY AND THE PHYSICAL WORLD

José Edelberto Araújo de Oliveira<sup>1</sup>

**RESUMO:** Diferente daquilo que se poderia esperar de um intelectual católico moldado durante a primeira metade do século 20 e em posição contrária aos processos criativos inseridos em confrontos do tipo sagrado e profano, Murilo Mendes integra na mesma conformidade as ações do cotidiano com aquilo que estas provocam no interior de cada indivíduo. Reconhecido como um transgressor das formas de expressão literária, conjuga o conhecimento particular da ciência com a manifestação de uma esperança subjetivamente fundamentada. Este artigo examina o itinerário das noções de divindade e mundo físico presentes nas memórias de Murilo Mendes – preferencialmente, as publicadas em *A idade do Serrote* – que permitem entrevê-las como compatíveis com a perspectiva interpretativa da tradição de comentadores delineada por Carl Gebhardt para a obra de Espinosa em dois aspectos: a totalidade como sistematizável a partir da vida prática e a filosofia como uma religião metafísica. Defende-se que, nem sempre citado, Espinosa está presente no conjunto dos conteúdos das exposições murilianas.

**PALAVRAS-CHAVES:** Filosofia; Gebhardt; Natureza; Paixões; Sagrado.

**ABSTRACT:** Contrary to what might be expected from a Catholic intellectual shaped during the first half of the 20th century and opposed to creative processes framed by confrontations between the sacred and the profane, Murilo Mendes integrates everyday actions with the inner effects they produce in each individual. Recognized as a transgressor of literary forms of expression, he combines a particular understanding of science with the manifestation of a subjectively grounded hope. This article examines the trajectory of the notions of divinity and the physical world present in Murilo Mendes' memoirs—preferably those published in *A Idade do Serrote*—which reveal their compatibility with the interpretive perspective of the tradition of commentators outlined by Carl Gebhardt for Spinoza's work in two aspects: totality as systematizable through practical life and philosophy as a metaphysical religion. It argues that, although

---

<sup>1</sup>Doutor em Filosofia pela Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP com Pesquisa de Pós-Doutorado junto ao Instituto de Filosofia e Ciências Humanas – IFCH da mesma instituição. Professor Efetivo da Universidade do Estado de Minas Gerais – UEMG, *Email:* jose.edelberto@uemg.br

not always explicitly mentioned, Spinoza is present throughout the content of Murilo Mendes' expositions.

**Keywords:** philosophy; Gebhardt; nature; passions; sacred.

Diferente daquilo que se poderia esperar de um intelectual católico moldado durante a primeira metade do século 20 e em posição contrária aos processos criativos inseridos em confrontos do tipo sagrado e profano, Murilo Mendes (1901-1975) integra na mesma conformidade as ações do cotidiano com aquilo que estas provocam no interior de cada indivíduo. Reconhecido como um transgressor das formas de expressão literária – ou um franco-atirador,<sup>2</sup> como ele próprio se definiu – conjuga o conhecimento particular da ciência com a manifestação de uma esperança subjetivamente fundamentada: “O assunto apaixonou-me, achando-se na base do processo do meu desenvolvimento intelectual. Há muito que estou convencido do paralelismo da ciência e da fé, fontes essenciais do conhecimento.” (Mendes, 2003, p. 72-73).

Este trabalho examina o itinerário das noções de divindade e mundo físico presentes nas memórias de Murilo Mendes – preferencialmente, as publicadas em *A idade do serrote* (1968) – que permitem entrevê-las como compatíveis com a perspectiva<sup>3</sup> interpretativa da tradição de comentadores delineada por Carl Gebhardt (1881-1934) para a obra de Espinosa (1632-1677) em dois aspectos: (i) a totalidade como sistematizável a partir da vida prática<sup>4</sup> e (ii) a filosofia como uma religião metafísica. Defende-se que, nem sempre citado, Espinosa está presente no conjunto dos conteúdos das exposições murilianas.

Ainda que residentes em campos não semelhantes – a interpretação da obra de um filósofo da Renascença e a relatos autobiográficos de um brasileiro literato e crítico das artes plásticas – carregam a prerrogativa da exposição daquilo que se

---

<sup>2</sup> cf. MENDES, Carta à autora, p. 67.

<sup>3</sup> Sobre perspectivas teóricas, Gainza esclarece: “Entre diversas perspectivas teóricas é possível identificar, às vezes, certas ‘afinidades eletivas’ ou ressonâncias conceituais, um apelo recíproco que permite que os âmbitos de suas formulações se conectem, de tal maneira que as noções que estão em jogo em cada uma delas ‘cresçam’, ganhem em profundidade ao ser iluminadas por outras filosofias.” (GAINZA, *A “transindividualidade” spinozista*, p. 77-78).

<sup>4</sup> Em *Da consolação infinita ao território da pesquisa racional*, partindo do perfil de Espinosa escrito por Murilo Mendes em *Retratos-Relâmpago* (1973), foi demonstrado como a maneira de interpretar Espinosa é feita pelas lentes dos referenciais teóricos de Gebhardt.

passou e que conserva elos. Para Galle, o gênero literário da autobiografia, adicionalmente, manifesta a verdade subjetiva do autor: “O autor da autobiografia busca sempre expor sua verdade subjetiva – que pode ser oposta à verdade compartilhada pela maioria –, sem considerar a possibilidade de conciliar as posições antagônicas.” (Galle, 2010, p. 221-272).

*A Idade do Serrote* varre diversos estágios e ambientes das reminiscências de Murilo Mendes a partir dos olhares panorâmicos de um homem sexagenário. As inseguranças apresentadas acerca dos seus dias na cidade natal são expostas balizadas pelos posicionamentos da maturidade como, por exemplo, a tendência em relacionar o divino com as dimensões humanas. “De resto penso que fomos feitos para pesquisar o que existe de humano em Deus, e de divino no homem.” (Mendes, 2003, p. 78).

Antes de prosseguir com a convivência entre Murilo Mendes e as análises de Gebhardt, algumas palavras em torno da obra intitulada *Spinoza*. Gebhardt publica *Spinoza* em 1932. Em 1940, é impressa em Buenos Aires a versão espanhola<sup>5</sup> do livro. Sobre a repercussão deste lançamento, Tatián<sup>6</sup> esclarece:

A publicação deste pequeno livro de Gebhardt [...] marcou o início [...] do interesse por Spinoza nos círculos esclarecidos argentinos, mas também em setores populares cultos sem interferência na Universidade. Alguns meses depois, apareceria o primeiro dos quatro volumes que compõem o estudo dedicado ao filósofo holandês por León Dujovne, editado pela Universidade de Buenos Aires entre 1941 e 1944 [...]. Ao longo dos anos quarenta, um grupo de "amigos da filosofia", [...] cujo propósito, certamente, não foi apenas acadêmico, mas principalmente político - realizou em Buenos Aires uma intensa atividade intelectual e editorial para apresentar ideias e obras de Spinoza na Argentina. (Tatián, 2007, p.18)

Retomando à proximidade entre o cenário teórico de Gebhardt e a expressão muriliana – no tocante ao seu ponto focal definidor, ambos usam os mesmos tipos de lentes, quer para a imanência divina manifesta no mundo quer para a oposição entre

---

<sup>5</sup> Tradução de Oscar Cohan.

<sup>6</sup> Doutor em Filosofia pela Universidade Nacional de Córdoba e em Ciências Culturais pela Scuola di Alti Studi Fondazione Collegio San Carlo di Modena (Itália). Professor da Universidade Nacional de San Martín. Foi Reitor da Faculdade de Filosofia e Humanidades da mesma instituição (2011 e 2017). Autor de diversos livros sobre Espinosa: *Spinoza y el arte* (2022); *Spinoza disidente* (2018); *La Filosofía y la vida: Doce lecciones con Spinoza* (2021).

Deus e homens.<sup>7</sup> Para Gebhardt, a noção elementar de Espinosa acha-se na “convicção da imanência de Deus”:

Enquanto a convicção da transcendência separa a divindade do mundo e a relega a um além; pela convicção da imanência, a divindade é inerente ao mundo, a unidade do ser não é dividida por nenhum abismo metafísico. O mundo medieval é moldado pelo conceito da transcendência. Deus é transcendente diante do mundo. Os universais, partindo de um processo além do conceitual, são realizados individualmente. O amor de Deus deve transpor o abismo entre o além e o que está aqui. O centro do mundo está fora do mesmo, os valores do mundo são valores do além. (Gebhardt, 2007, p.127-128).

Em Murilo Mendes, a opção pela bipartição do mundo para qualquer referência de ordenamento não deixa de carregar tensões justamente na acomodação Criador e criatura (quando pensados em simultâneo). Tal como é percebido, de imediato, o mundo não se distingue por algum mínimo sinal de transcendência, embora, no curso do tempo, acolha teodiceias.

O cristianismo repousa sobre uma loucura, a loucura da cruz; pela sua capacidade de adaptação a situações culturais e políticas diversas – o que lhe vem a riqueza de sua doutrina poliédrica [...] – apaixonante aventura – de transformação do mundo; porque o tal Deus é o único personagem que, mesmo quando fora de moda, está sempre na moda. Nunca se falou tanto deste excêntrico senhor como na época de supremo ateísmo. (Mendes, 2000, p. 398).

O termo “teodiceia” indica uma narrativa racional firmada na intenção de atribuir – por parte de pensadores cristãos – a continuidade da Criação na conduta histórica dos homens. Não é uma produção reduzida ao devocional com trânsito voltado para a catequese. A concepção religiosa de Murilo Mendes também não guarda aproximação com a figura de um arauto do magistério eclesiástico da Igreja Católica e, como expõe Amoroso, sua fonte inspiradora não é Roma:

Assim, embora as encíclicas papais sejam continuamente citadas por Murilo Mendes como a lei a ser obedecida, o pensamento filosófico que motiva e conduz os embates brasileiros sobre catolicismo e sociedade não vem de Roma [...]. A fonte para essa visão moderna estava em Paris [...]. As

---

<sup>7</sup> Araújo torna claro: “De fato, Cristo para ele foi sempre a encarnação dicotômica Deus-homem, mistério essencial em que fundaria os ciclos definidores de sua poesia. Nela, o finito e o infinito, o visível e o invisível, o tautológico e o heterológico, a carne e o espírito não são noções inconciliáveis, ao contrário, se confundem ou se fundem ontologicamente, como elementos do cosmos, tendentes para o absoluto e expostos, entretanto, às contingências de uma experiência terrestre.” (ARAÚJO, *Murilo Mendes*, p. 76).

conversões em série [...] expõem-se na forma da literatura pelas narrativas de convertidos, relatos predominantemente autobiográficos [...] e do grande impacto que testemunham, num início de século quase descrente, a possibilidade de uma saída espiritual para aquele persistente sentimento de decadência tão conhecido e generalizados entre intelectuais no Velho Mundo [...]. Murilo Mendes é lembrado “como o último dos grandes intelectuais [brasileiros] convertidos.”<sup>8</sup>

Pelo que transparece, os elementos constitutivos das afinidades com Espinosa já são notados nos registros dos dilemas do dia a dia que, três décadas depois, Murilo Mendes assegurará como fonte do conhecimento: os paralelismos entre ciência e fé. Em *Poema visto de fora* (Mendes, 1994, p. 285), há a esperança das almas serem salvas mesmo quando a trilha humana sinaliza a condenação:

O espírito da poesia me arrebatava  
Para a região sem forma onde passo longo tempo imóvel  
Num silêncio de antes da criação das coisas.  
Súbito estendo o braço direito e tudo se encarna:  
[...]  
Bordéis e igrejas, maternidades e cemitérios  
Levantam-se no ar para o bem e para o mal.  
[...]  
Não sou Deus porque parto para Ele,  
Sou um deus porque partem para mim.  
Somos todos deuses porque partimos para um fim único.

A convicção da imanência divina fixando coisas dispersas, encastra a capacidade de atingir o conhecimento com o qual se deu a realidade das ruas. Semelhante conhecimento, quando Murilo Mendes versa sobre sentimentos daquilo que parte da divindade e de si próprio, demarca uma escolha também por uma grandeza transcendente.<sup>9</sup>

Deus passou a ser para mim, não o corregedor da moral, o severo guardião da lei, mas o Ser infinitamente variado na sua unidade, capaz de todas as metamorfoses, criador da imaginação, inspirador da fábula, pai e destruidor de milhões de corpos e almas, único ator que não repete diariamente seus papéis. (Mendes, 2007, p. 177).

<sup>8</sup> AMOROSO, Maria Betânia. Murilo Mendes nos jornais: entre a política e a religião. *Literatura e Sociedade* (USP), v. 17, p. 82-99, 2013. p. 87-88.

<sup>9</sup> Em outro prisma de análise, no espaço entre o mundo e a linguagem, Rocha apresenta a seguinte questão sobre Murilo Mendes: “Na poesia de Murilo Mendes, temos fundamentalmente a projeção desse lirismo pautado na expressão de uma subjetividade dilacerada pelo dilaceramento correspondente dos elementos compositivos do poema. Na confusão das palavras, na confusão de planos, o sujeito embate-se consigo mesmo, com os limites do mundo e com a linguagem. E nesse embate encontra um ponto de abertura, de transcendência para um outro ‘espaço’ de transformação de si mesmo.” (ROCHA, *Uma bagunça transcendente*, p. 147). Mesmo assim, os problemas que envolvem a noção de mundo antecedem a expressão da subjetividade de Murilo Mendes.

Evidentemente, ao introduzir o entendimento da divindade em comparação de igualdade (i) com a figura do guardião, (ii) com a de qualquer metamorfose e (iii) com a do destruidor de corpos e almas, Murilo Mendes não trouxe o descanso para a sua criação literária, “mas sim a inquietude” (Mendes, 2007, p. 59), para usar suas próprias palavras. Inquietude do tipo: “[...] ao folhear o tratado do inferno de Santa Catarina de Gênova, dei com uma passagem onde se afirma que os danados estão no inferno porque assim o desejam; são impelidos por uma grande força interna que os constringe [...]” (Mendes, 2007, p. 59). A expressão da inquietude muriliana reside na falta de contraste entre as coisas que transitam no mundo externo aos seus pensamentos e suas ideias, algo que o aperta sem concatenação. Para Lukács, as aflições das questões envolvendo as concepções da existência demarcam os limites da criação literária:

“[...] a filosofia, enquanto forma de vida assim enquanto determina a forma e o conteúdo da criação literária, é sempre o sintoma de uma laceração entre o interior e o exterior, significativa de uma diferença essencial entre o eu e o mundo, de uma não-adequação entre a alma e a ação.”<sup>10</sup>

Murilo Mendes também declara que o processo de compreensão desta inquietude – efetivamente – é gradual e permanente diante da tarefa de criação; sempre autônoma e partidária de constantes revisões: “Nossa vida é uma contínua alusão a uma realidade superior que nos escapa na sua totalidade, mas da qual percebemos todos os dias indícios e centelhas.” (Mendes, 1980, p. 393). Perceber indícios, pelo conjunto dos escritos murilianos, denota identificar relações que constituem um conjunto estrutural<sup>11</sup> – dado pelo fundamento “Ser infinitamente variado na sua unidade” (Mendes, 2007, p. 177). O produto da criação é a exposição das evidências da realidade superior.

---

<sup>10</sup> LUKÁCS, *Teoria do Romance*, p. 27-28.

<sup>11</sup> Sobre a estruturação dinâmica que engloba os fatos sociais e a criação literária, Margarido esclarece: “E devemos compreender ainda que o artista (neste caso peculiar o poeta épico, primeiro, e depois o romancista), dá a ver com mais profundidade a composição, o sentido e o significado dessas estruturas. Assim sendo, o artista [...] está em condições de penetrar mais profundamente no conjunto dos elementos que formam as estruturas, dando a ver o homem ao homem, mas não só isso, revelando do mesmo passo as estruturas sociais que formam o mundo da produção.” (MARGARIDO, *Posfácio*, p. 190-191).

Em Espinosa, segundo Gebhardt, a realidade se manifesta expressando a essência divina como a configuração da identidade conceitual entre divindade e natureza.

O sistema de Spinoza começa com a equação dos conceitos de Deus e natureza. Em Deus está a plenitude de ser; a existência pertence à sua essência, ou seja, é a causa de si mesmo; é infinito, porque no infinito reside sem mais delongas a afirmação da existência; como toda realidade se manifesta em atributos que expressam sua essência, Deus é a essência que consiste em atributos infinitos. (Gebhardt, 2007, p.129.)

O entendimento muriliano de natureza não está ancorado em dados sensoriais. Para o leitor célere, durante uma primeira aproximação, as imagens das memórias de Murilo Mendes são esmaecidas, carregam contornos mitigados, vagos para compor perfis. Porém, estas características apenas demarcam a aparência em si das coisas em oposição ao não sensível, as abstrações:

E não escreveu São Paulo que este mundo é um sistema de coisas invisíveis manifestadas visivelmente? Não vivemos inseridos num contexto de imagens e signos?<sup>12</sup> [...] O universo poderá ser reduzido a uma grande metáfora; claro que não me refiro somente a metáfora literária; também a metáfora plástica, musical e científica. Todas as coisas implicam signo, intersigno, alusão, mito, alegoria. (Mendes, 2007, p. 176-177).

No percurso da exposição DEUS SIVE NATURA,<sup>13</sup> capítulo VI de *Spinoza*, Gebhardt apresenta em exposição o conceito espinosista de substância como aquilo que existe em si e é concebido por si, daí que a totalidade do que existe ocorre pela imbricação da natureza infinita da divindade:

Na igualdade "Deus ou Natureza", natureza não significa, de forma alguma, o mundo visível, mas a plenitude total do ser [...]. Se Spinoza transfere assim o mundo para a divindade, então, é claro que a divindade é imanente ao mundo [...]. Mas o conhecimento intuitivo de Deus não implica de forma alguma na possibilidade de representá-lo para nós. A visão de Deus está fora da esfera das palavras; já que a representação e seu instrumento, a linguagem, transferem as coisas para a esfera da corporalidade. Mas o finito não deve tornar-se qualquer imagem ou metáfora do infinito. (Gebhardt, 2007, p.129-130).

<sup>12</sup> “Os estoicos dizem que esses três estão conectados: o significado, o signo e a coisa. O signo é o próprio som [...], o significado é a entidade manifestada por (este signo) e que nós apreendemos como coexistente com nosso pensamento, (mas) que os estrangeiros não compreendem, embora ouçam o som; a coisa é o existente externo [...]. Destes, dois são corpos, a saber, o som e a coisa, e um imaterial, a saber, a entidade significada [...].” (BOCHENSKI, *A History of Formal Logic*, p. 110).

<sup>13</sup> Do Latim: O PRÓPRIO DEUS É NATUREZA.

Certa feita, sem poupar na adjetivação – que incluía “o mais completo, o mais estranho e seguramente o mais fecundo” (Bandeira, 1994, p. 34.), Manuel Bandeira, apresentando Murilo Mendes, asseverou: “[...] assistimos a essa constante incorporação do eterno ao contingente. E por outro lado a abstração do espaço acaba por abolir a perspectiva dos planos, confundidos todos numa super-realidade, com a tangência do invisível pelo visível.” (Bandeira, 1994, p. 36.). Através destes insumos,<sup>14</sup> o texto muriliano – pelo que já foi desenvolvido – é constituído por um agrupamento de componentes implicados em quatro efeitos:

- (i) o primeiro deles aglomera a manifestação de uma esperança fundada na percepção do autor;
- (ii) no segundo efeito, a subjetividade é *reconhecida como princípio do conhecimento*, desde quando for reflexionado com as noções específicas da ciência;
- (iii) na condição de terceiro ponto que completa o texto muriliano, *a pena de Murilo Mendes age reparando as coisas dispersas com a certeza da imanência divina* e, na medida em que repara, meio que ilumina a sua escolha por conta da grandeza transcendente e,
- (iv) o último dos efeitos se reporta aos fatos do cotidiano, Murilo Mendes *não intenciona representá-los como um conhecimento intuitivo da divindade porque se conduz mediante uma conexão de semelhança*.

Mas foi o leão que marcou de modo particular minha iniciação aos bichos, nossos parceiros de aventura terrestre. [...] suscitou-me um problema importante, desenvolvido muito depois: saber se também os seres mais inumanos terão uma ligação mesmo tênue com a ternura; não só o leão ou o tigre, mas ainda o carrasco, o ditador, o alto executor dos campos de concentração, o artífice da bomba.” (Mendes, 3007, p. 43 e 45).

Nitidamente, Murilo Mendes se expressa por caminhos estreitos das (a) apreensões dos corpos e (b) ideias largas, entrelaçando-os. Tratando-se de demarcar a identidade muriliana, excluindo-se as questões que gravitam em torno da formação dos conceitos, as ramificações teológicas são salientes. Diferentes daqueles que

---

<sup>14</sup> Para Correia: “Na obra de Murilo este movimento de converter o que é contingente em essencial vai ser a norma que rege seu trabalho e podemos perceber isto em quase todos os seus procedimentos artísticos.” (CORREIA, *Coisificação e subjetividade na poesia de Murilo Mendes*, p. 121-140).

acolhem, por exemplo, a adesão do escritor juiz-forano a uma teologia à ocultismo enquanto decorrência de uma livre escolha estética, a identidade muriliana volta-se para uma religião desmitificada.

A interpretação da identidade de Murilo Mendes com uma teologia portadora de elementos do ocultismo desnudando uma atitude estética (posição esta não adotada pelo presente texto), mas com receptividade por inserir componentes característicos do movimento surrealista na crítica da literatura muriliana, encontra em Ruggero Jacobbi a sua voz:

[...] se Murilo Mendes aderiu à versão teológica e, por vezes, a misturou a sugestões ocultistas (como bom surrealista 'fora de lugar'), ao final, continuava com seu poder de pura pergunta [...]. A sua atitude estética responde com naturalidade às contradições, aos perigos de qualquer metafísica [...]. (Jacobbi, 1994, p. 40).

Para concluir, a identidade muriliana, repete-se, está voltada para uma religião desmitificada nos termos da leitura de Espinosa feita por Gerbhardt, ou seja, uma religião metafísica em oposição à religião do tipo mitológica. Para Tatián:

Gebhardt diferencia as "religiões metafísicas" (para as quais pertenceriam ao Neoplatonismo, Budismo, Taoísmo e o espinosismo) das 'religiões mitológicas' como o Cristianismo e islamismo. O significado histórico de Spinoza é, portanto, ter renovado a ciência e a religião de seu tempo, mostrando a convergência entre os dois em uma filosofia que é constituída como uma religião desmitificada e vice-versa." (Tatián, 2007, p. 13.).

Murilo Mendes escreveu sob a emoção da crença do equilíbrio entre o Criador e a criatura; divulgou suas reflexões harmonizando o sensível com o inteligível; compreendeu a falta de sossego<sup>15</sup> da "fusão catolicismo primitivo com a mentalidade moderna". (MENDES, 2007, p. 57-59)

---

<sup>15</sup> "Comecei aos poucos a compreender que a fé não traz descanso, mas sim uma inquietude que somente cessará no último dia [...]." (Mendes, 2007, p. 59).

## REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Laís Corrêa de. *Murilo Mendes: ensaio crítico, antologia, correspondência*. São Paulo: Perspectiva, 2000. 398 p. (Signos, 29).

BANDEIRA, Manuel. Apresentação de Murilo Mendes. In: MENDES, Murilo. *Poesia Completa e Prosa*. Organização, preparação do texto e notas de Luciana Stegagno Picchio. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994. 1746 p. (Biblioteca Luso-brasileira. Série brasileira).

BOCHENSKI, I. M. *A History of Formal Logic*. Translated and edited by Ivo Thomas. Notre Dame, Indiana: University of Notre Dame Press, 1961. 567 p

CORREIA, É. B. Coisificação e subjetividade na poesia de Murilo Mendes. *Revista Eletrônica Literatura e Autoritarismo* – Dossiê nº 12, Novembro de 2012 – ISSN 1679-849X, p. 121-140. Disponível em: <<  
<http://w3.ufsm.br/grpesqla/revista/dossie12/> >>, 24nov2024, 08:24 h.

GALLE, Helmut. Memória individual e memória cultural. O terrorismo alemão dos anos de 1971 em textos ficcionais. In: GALLE, Helmut; SCHMIDT, Rainer (organizadores). *A memória e as ciências humanas: um conceito transdisciplinar em pesquisas atuais na Alemanha e no Brasil*. São Paulo: Humanitas, 2010. 277 p.

GAINZA, M. A “transindividualidade” spinozista: entre a determinação e a expressão. *Dissertatio* (UFPel), v. 31, p. 77-95, 2010.

GEBHARDT, Carl. *Spinoza*, Traducción de Oscar Cohan. Buenos Aires: 940, Editorial Losada, 2007. 176 p.

JACOBBI, Ruggero. Parábola de Orfeu. In: MENDES, Murilo. *Poesia Completa e Prosa*. Organização, preparação do texto e notas de Luciana Stegagno Picchio. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994. 1746 p. (Biblioteca Luso-brasileira. Série Brasileira).

LUKÁCS, Georg. *Teoria do Romance*. Tradução de Alfredo Margarido. Lisboa: Editorial Presença, [?]. 203 p. (Biblioteca de Ciências Humanas, 5).

MARGARIDO, Alfredo. Posfácio. In: LUKÁCS, Georg. *Teoria do Romance*. Tradução de Alfredo Margarido. Lisboa: Editorial Presença, [?]. 203 p. (Biblioteca de Ciências Humanas, 5).

MENDES, Murilo. *A idade do serrote*. Rio de Janeiro: Record, 2003. 191 p.

MENDES, Murilo. Carta à autora. p. 67. In: ARAÚJO, Laís Corrêa de. *Murilo Mendes: ensaio crítico, antologia, correspondência*. São Paulo: Perspectiva, 2000. 398 p. (Signos, 29).

MENDES, Murilo, *Poesia completa e prosa*. Organização, preparação do texto e notas de Luciana Stegagno Picchio. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994. p. 1746 (Biblioteca Luso-Brasileira – Série Brasileira).

MENDES, O discípulo de Emaús, In: MENDES, Murilo. *Transistor*: antologia de prosa 1931-1974. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980. 414 p.

ROCHA, W. T. A., Uma bagunça transcendente: o primado da errância e da descontinuidade na poesia de Murilo Mendes. *Eixo Roda*, Belo Horizonte, v. 31, n. 1, p. 134-160, 2022.

TATIÁN, Diego. Prólogo. In: GEBHARDT, Carl. *Spinoza*. Tradução de Oscar Cohan. Buenos Aires: Losada, 2007. 176 p.